

PROTESTOS ESCANCARAM A CRISE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No dia 15/10, Dia dos Professores, atos por uma educação de qualidade e valorização dos professores aconteceram por todo o país. Em São Paulo, com greve e ocupação das reitorias da Universidade de São Paulo e da Unicamp, além da luta por democracia, ensino de qualidade, e retirada dos policiais militares que fazem ronda dentro dos campi também na PUC-SP, na Unesp e na Fatec, estudantes e professores marcharam pelas ruas da capital para comemorar a data mostrando que o movimento

não retrocede mesmo com as ações autoritárias do governo estadual de Geraldo Alckmin e dos reitores das universidades. O ato, que saiu do Largo da Batata, ao virar na Marginal Pinheiros para seguir até o Palácio dos Bandeirantes, foi dispersado por dezenas de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha disparadas covardemente contra os manifestantes, que não tinham para onde correr, já que o ataque veio tanto da frente quanto de trás do ato e também por cima, pelos helicópteros. Funcionários de

lojas e estacionamentos próximos abriram seus portões para abrigar os estudantes, mas a polícia militar invadiu os lugares, onde cercou, espancou, agrediu verbalmente e prendeu mais de 50 pessoas. No Rio, em ato pela educação que pedia a saída do governador Sergio Cabral, estudantes e professores também enfrentaram a polícia, mostrando resistência às atitudes arbitrárias do governo fluminense. Novamente, mais de 60 presos pelos policiais, e um gasto absurdo em bombas de efeito moral. Muitos dos

presos serão enquadrados na lei de Segurança Nacional - exatamente como era feito no período da Ditadura Militar.

A discussão sobre a educação brasileira prossegue nesta semana com a realização em São Paulo da Audiência Pública na Assembléia Legislativa sobre Regulação das Instituições de Ensino Superior Privado e Iniciativas Para Impedir o Desrespeito aos Direitos Trabalhistas dos Professores e o Direito dos Alunos a uma Educação de Qualidade. O encontro acontece a partir das 14h, no dia 23/10.

CARAVANA DA ANISTIA NA PUC-SP

A Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, em parceria com a PUC-SP, a Convergência Socialista, a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo e o Núcleo Memória, promoverão no TUCA a 77ª Caravana da Anistia.

Na primeira parte do evento acontecerá a Sessão Especial de Apreciação de Requerimentos de Anistia e a Sessão de Homenagem aos 35 anos da fundação da organização política Convergência Socialista.

Farão uso da palavra o representante do Ministério da Justiça, José Carlos Moreira Silva Filho, vice-presidente da Comissão da Anistia, Sueli Bellato e Rita Sipahi, ambas conselheiras da comissão.

À tarde, entre 13h e 18h, nos auditórios 100 e 100-A do Prédio Novo, acontecerão os julgamentos das reparações econômicas dos militantes da Convergência Socialista.

OUTUBRO

25

SEXTA-FEIRA

Manhã - 9h TUCA

Tarde - 13 às 18h nos auditórios 100 e 100-A no Prédio Novo

Pesquisa atesta insatisfação e Restaurante Universitário terá nova direção

A Comissão de Alimentação da PUC-SP realizou uma pesquisa junto à comunidade sobre as condições do Restaurante Universitário. Os resultados mostraram que os frequentadores do restaurante possuem um alto grau de insatisfação quanto à alimentação servida pela concessionária.

Foram pesquisados itens como a composição do cardápio, a higiene do local e

o atendimento nos caixas. A avaliação dos usuários demonstrou níveis entre regular e ruim para a maioria dos itens.

A Comissão de Alimentação, presidida pela professora Maria José Pacheco França, diretora do campus Monte Alegre, levou os resultados para a Fundação São Paulo, que diante da situação entendeu que a atual locatária não teria condições de permane-

cer no espaço e resolveu abrir uma nova licitação para a contratação de outra empresa para dirigir o Bandeirão e o self-service.

A professora Maria José relatou ao **PUCviva** que a nova concessionária deverá fazer melhorias tanto nas cozinhas como nas acomodações da Praça de Alimentação. O departamento jurídico da Fundação São Paulo está preparando os

termos da nova licitação que deverá ser anunciada em breve. O contrato da empresa que dirige o Facultativo já expirou.

A Comissão de Alimentação é formada pela professora Maria José e pelos funcionários Shirley Valejo da Divisão de Recursos Humanos, André Alves de Andrade Góes, Pós-graduação e Edilaine Correa Gonçalves, Biblioteca.

APROPUC continua recebendo solidariedade à professora Bia

Abaixo divulgamos mais alguns nomes de pessoas e entidades que enviaram seu apoio à professora Bia Abramides, que responde a um processo político interposto pela reitora nomeada Anna Maria Marques Cintra

Luciana Araújo - Jornalista; Maria Cecilia Pérez - Docente de la Carrera de Trabajo Social. UNCPBA-Tandil-Argentina ; **Mabel Assis** - Assistente Social - Mestre em Antropologia Social - PUCSP - Docente UNG; **Marcos Amaral** - DCE USP Livre; **Marcos Amaral-PETSaúde-PUCSP**; **Maria Luiza Tambellini** - UERJ; **Maria Nilde Souza-UNINOVE**; **Maria Veronica Arana** -Centro de Salud Almafuert - Neuquén;

Michel Amary - Filosofia-USP; **Patrícia Mechi** - São Caetano do Sul; **Patrícia Soraya Mustafa** - Prof.^a UNESP-Franca; **Pedro Alves Fernandes-UFU**; **Pedro Arantes-UNIFESP**; **Pedro Ferro** - Estudante de história da PUC-SP; **Pedro Ribeiro**, estudante de História da PUC-SP; **Renata Maria Souza-UNITAU**; **Rute da Silva Alonso** - Estudante - Direito - PUC-SP; **Samira Casaldáliga Aun Geri** - Relações Igualitárias; **Sabrina Melo**- Cobrape; **Íris Monteiro** - Estudante de Serviço Social da PUC-SP ; **Iana Taygla dos Santos Gomes** - Estudante de Serviço Social; **Haroldo Caetano**- Ministério Público de Goiás; **Cesar Vale** - Estudante - FEA PUC e Integrante do Movimento Rugido do Leão; **Patrícia Silva** -USF; **Paula Carvalho**

- Estudante de direito PUC-SP; **Paulo Ricardo Sanches** - Funcionário Público do Estado do RS; **Paulo S. Braz** - Estudante - PUC-SP; **Renata Cristina Rosa** - Assistente Social - Ribeirão Preto; **Renata Dantas-FAMA**; **Rodnei Pereira** - Mestre em Educação PUC/SP - Docente - Unifai; **Rodolfo S. G. A. Abreu** - Coordenador Regional APEDEMA-RJ;

Rodrigo Castelo - Prof. da UERJ; **Roseli Yoko Aka-gui** - Assistente Social - RG 13.703.282; **Sandra Capuchino**- Banco Itaú ; **Rosana Roza** - Estudante de Serviço Social da PUC-SP; **Rosângela Carneiro** - Faculdade Nobre; **Rosângela Duarte** - Estudante Serviço Social PUC-SP; **Rosângela Maria Lenharo** - Prefeitura Municipal de Bauru.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischorst

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Seminário analisa 500 anos da obra "O Príncipe", de Maquiavel

Na semana passada, entre os dias 15 e 17/10, o Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política - do Programa de Estudos Pós-graduados - e o Grupo de Pesquisa Renascimento: Ética, Política e Religião - do Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia - organizaram um seminário na sede da APRO-PUC para relembrar e discutir a obra "O Príncipe", símbolo renascentista de Nicolau Maquiavel, que neste ano completa 500 anos. Escrito em 1513, o livro foi publicado pela primeira vez em 1532 e utilizado como um dos pilares fundamentais dos estados modernos do ocidente.

Na terça-feira, primeiro dia do seminário, Antônio Valverde, da PUC-SP, Tereza Sadek e Eunice Ostrensky, ambos da USP, participaram da mesa de debate. Em sua exposição, Sadek iniciou dizendo sobre a presença de Maquiavel no linguajar cotidiano, com as expressões "maquiavélicas", expressando sempre conotações negativas de moral, ética ou política. No entanto, segundo ela, Maquiavel foi o primeiro pensador na história a refletir a ordem e o poder deixando de lado a moral católica, tão presente na decadente Idade Média. Para o pensador, o ser humano era o sujeito da história, e os conflitos

e a ordem eram produto real das relações de poder.

Segundo Sadek, no nono capítulo do livro, Maquiavel coloca que todas as sociedades têm disputas entre aqueles que querem dominar e aqueles que não querem ser dominados, quebrando a dicotomia governantes-governados.

Além desses, outros princípios estão presentes na obra "O Príncipe", como a necessidade de conquista e de manutenção do poder, a preponderância do "ser" pelo "dever ser", virtude que, para Maquiavel, era a capacidade de agir sobre as possibilidades. Ao mesmo tempo, sendo virtuoso para a maioria, e realista diante das condições materiais imposta para a manutenção do Estado, se comportava como um leão, forte, e uma raposa, astuciosa. Para concluir, Sadek disse que o maior legado de Maquiavel foi o pensamento da política, que pode ser considerada imoral, feia, suja, maquiavélica, mas, sobretudo, é real. E sua beleza reside justamente nessa materialidade.

Já Eunice focou sua intervenção na confrontação da ideia de Maquiavel como professor dos tiranos. Sua argumentação baseou-se na defesa de que Maquiavel era um republicano,



Professor Antonio Valverde apresenta sua exposição na primeira noite do seminário sobre 'O Príncipe', de Maquiavel.

ROBERTO OLIVEIRA

uma vez que sua ideia de principado civil aproxima-se do republicanismo. Segundo ela, seu principal objetivo era entender como agradar o povo, mantendo segurança e unidade política. A resposta encontrada para isso foi a constituição de leis e ordem que, para tanto, seria necessária a tomada de poder violenta e imoral para a constituição do "príncipe virtuoso".

Para encerrar o primeiro dia de debates sobre "O Príncipe", Valverde centrou sua análise na cultura da Toscana e Florença, região em que nasceu e viveu Maquiavel, assim como grandes artistas e pensadores. Ele falou das influências e do contexto do filósofo italiano que se dividia entre a prosa literária e política para sobreviver, focando tam-

bém nos primeiros escritos de Maquiavel, que já esboçava o realismo revolucionário frente ao idealismo-metafísico cristão, do qual o pensador era forte opositor, e na análise da ação política como central na história.

O seminário continuou no dia seguinte com o professor Miguel Chaia, da PUC-SP, e com o dramaturgo Eduardo Tolentino, que encenou "O Príncipe" e trouxe suas reflexões acerca da obra. Por fim, no último dia Edison Nunes, também da PUC-SP, José Luiz Ames, da Unioeste, e Kurt Eberhart Von Mettenheim, da FGV, estiveram na APROPUC para concluir a série de debates sobre um dos livros mais citados e lidos pelos pensadores políticos em todos os tempos.

Evento discute desaparecidos políticos

O Núcleo Perseu Abramo da PUC-SP, a Agência Online Maurício Tragtenberg (AgeMT) e a Rede PUC apresentaram na segunda-feira, 14/10, o vídeo "Marca D'Água", produzido pela equipe da Rede PUC em parceria com a AgeMT. O vídeo é uma homenagem ao centenário do militante Elson Costa, desaparecido político em 1975. Elson, ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), após o golpe

militar de 1964, passou a militar na clandestinidade, sendo preso em 1975 e nunca mais encontrado por sua família.

O debate, que ocorreu no auditório 100 da PUC-SP, teve a presença de Maria Helena Souza e José Miguel Wisnik, sobrinhos de Elson, que deram seus depoimentos com lembranças do tio e dos anos sombrios da ditadura militar. A cineasta Isa Grinspum, que dirigiu o filme Marighella,

contou sua experiência ao contar, em vídeo, sobre a vida do militante: "Gravei cerca de duas horas de entrevista para cada entrevistado do filme. Todo mundo queria contar todas as lembranças de Marighella". A professora Heloísa Cruz, do departamento de História da PUC-SP, compôs a mesa representando a Comissão da Verdade da PUC-SP, que vem realizando atividades sobre os desaparecidos políticos em

conjunto com outros setores da universidade. O deputado estadual Adriano Diogo, do PT, que preside a Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva, também esteve presente e pôde contribuir com o debate.

O vídeo "Marca D'Água" está disponível no site da Agência Online, em <http://agemt.org/?p=3671>. O debate foi gravado e pode ser conferido na íntegra no mesmo endereço.

GAUCHE NA VIDA

As condições do trabalho docente no cenário de expansão da rede privada do ensino superior

Com a compra da FMU, anunciada oficialmente em 09 de setembro de 2013, os cinco maiores grupos educacionais do Brasil passam a ter 33,1% (Jornal Folha de São Paulo) do mercado de ensino superior, um recorde histórico. Desse modo, o processo de fusão e compra, que se acelerou enormemente nos últimos 3 a 5 anos entre empresas responsáveis pelas IES, vem concentrando as vagas e empregos nas mãos de poucos empresários. Na atualidade, a abertura de capital de várias dessas empresas na Bolsa de Valores representa um perigo adicional, pois o bom empenho das ações sobrepuja qualquer consideração quanto à qualidade da educação oferecida. Várias são as consequências danosas dessa situação, que vem se somar a uma realidade educacional já imprópria, e sem análogo no cenário mundial, no que se refere à prevalência de instituições privadas lucrativas.

Prejuízos para as condições de trabalho dos professores

● A rotatividade de profissionais nas IES administradas por mantenedoras privadas: mais de 10% dos docentes permanecem menos do que 6 meses; cerca de 40% não ultrapassam 2 anos no mesmo vínculo empregatício. As demissões se dão predominantemente por razões econômicas e, atualmente, há readmissões por remuneração menor. Além de não terem a garantia do emprego, cerca de 50% dos professores na rede privada têm vínculos empregatícios correspondentes a

12 horas-aula ou menos em cada IES. (Dados do MTE - RAIS).

● Os professores-horistas, negociam, semestralmente o número de aulas que lhes será atribuído, ficando totalmente reféns da administração das respectivas IES e impedidos de planejar adequadamente suas tarefas docentes e suas vidas.

● O número de processos trabalhistas em que as reclamadas são essas empregadoras, apenas no Estado de São Paulo, chegou a 1.996 processos em 2013.

● Boa parte desses processos são movidos por atrasos salariais ou falta de depósito do FGTS e de outros direitos trabalhistas; há ainda dispensas sem justa causa em que o docente aguarda por meses ou anos, o recebimento daquilo que lhe é devido. Ocorre ainda a dispensa sem justa causa em começo de semestre, o que deixa os professores à mercê do desemprego, mesmo que temporário, pois a maioria das IES já preencheram, nessa época, seu quadro docente.

● A Federação de Professores do Estado de São Paulo - FEPESP - afirma que "uma das atitudes do Ministério da Educação é isolar os problemas trabalhistas dos assuntos pedagógicos"; relata ainda que "um dos argumentos usados pelo MEC para não fiscalizar é que as denúncias deveriam ser encaminhadas ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)".

Prejuízos para os cofres públicos

● As IES privadas conveniadas pelo PROUNI ou com acesso ao FIES cobram

um valor mais alto que o custo real de cada aluno (Celso Napolitano, presidente da FEPESP, em entrevista ao Jornal Brasil de Fato, 06 de maio de 2013).

● A preferência por financiar cursos em instituições privadas tem consumido recursos que poderiam ser utilizados para a expansão do ensino público. "As verbas destinadas ao ProUni e ao FIES, as desonerações fiscais obtidas a partir de pressões políticas e o volume de bolsas de estudos concedidas contingenciam a educação pública em todos os níveis e modalidades". (Prof. Zacarias Gama, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Prejuízos para os alunos e para a democracia

● Os alunos bolsistas que ingressam pelos programas PROUNI e FIES não podem transferir suas matrículas para outra Instituição de Educação Superior e ficam reféns das instituições em que ingressaram, mesmo que a qualidade do ensino ministrado não os satisfaça.

● Na maioria das IES privadas o associativismo estudantil em Diretórios Acadêmicos ou assemelhados é fortemente coibido.

Prejuízos à qualidade da educação

● Para a redução de custos, as IES privadas reduzem a carga horária dos cursos; realizam parte dessas horas com ensino à distância de baixa qualidade; extinguem laboratórios de experimentação e testes de materiais e métodos.

● O crescente número de

matrículas que pode ser oferecido totalmente por EAD é considerado altamente prejudicial à qualidade da formação inicial pela maioria dos educadores, ainda mais por serem oferecidas, predominantemente, em áreas tão sensíveis a fatores humanos como os cursos de Licenciaturas e Assistência Social. Essa modalidade, além disso, é amplamente utilizada para um rebaixamento contínuo da remuneração docente, sendo muitos profissionais obrigados a se engajarem sob a denominação de simples "tutor".

● E, "...se você fizer uma análise mais acurada dessas instituições, vai perceber que elas são muito ruins do ponto de vista da qualidade, (...) como essas instituições são de baixa qualidade, você perde a oportunidade de ter uma política de formação de mão de obra de qualidade, que é a necessidade de economia do século 21", (Romualdo Portela de Oliveira, da Faculdade de Educação da USP, em entrevista ao Jornal Brasil de Fato, em 06/05/2013).

O texto acima foi enviado pelo grupo Docência e Qualidade como subsídio à Audiência Pública sobre educação, que acontece no dia 23/10 na Alesp

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

GAUCHE NA VIDA

12/10/08: 40 anos do XXX Congresso da UNE

Ibiúna: o fio vermelho nos move

Bia Abramides

No último dia 12/10 comemorou-se o transcurso de 45 anos do XXX Congresso de Ibiúna. A professora Bia Abramides diretora da APROPUC, escreveu em 2008 um artigo sobre os 40 anos do evento que reproduzimos abaixo.

1968/2008: 40 anos agora mesmo! Fio vermelho lá e cá! Tinha dezenove anos. Aluna do Curso de Serviço Social da PUC-SP. A escola da Rua Sabará. Logo que entrei na faculdade me "apaixonei" pelo movimento estudantil, aprendi e me convenci que devia ser marxista, socialista, entender o protagonismo do proletariado, o internacionalismo de classe, a atualidade da revolução.

Lutávamos contra a exploração do homem pelo homem, contra todo tipo de opressão. Lutamos contra a ditadura, contra o imperialismo, contra o capitalismo. Apoiamos as greves operárias de Contagem e de forma ativa a greve de Osasco, tínhamos a aliança operário-estudantil. Entrei para AP (Ação Popular) Marxista-Leninista, tendência mesclada politicamente à sua origem à JEC (Juventude Estudantil Católica), ala progressista da Igreja. Fazia parte do Grupo de Trabalho Revolucionário na frente estudantil. As tendências e organizações de esquerda tinham como ainda têm método tático e estratégico diferenciado face à revolução socialista. As teses do movimento estudantil para a Universidade eram de universidade crítica, popular, democrática na luta pelo ensino

público, laico, gratuito em todos os níveis. Lutávamos contra os acordos MEC-Usaid, lei Suplicy de Lacerda, decreto 477 que emanavam do imperialismo norte-americano e da ditadura, e que tinham na mercantilização e elitização do ensino suas premissas de ataque na destruição do ensino público e na repressão ao movimento estudantil que fora colocado na ilegalidade, assim como os movimentos grevistas.

Lutamos contra a reforma universitária da ditadura assim como lutamos contra as reformas universitárias da democracia burguesa. Lá e cá, ancoradas na orientação programática de subordinação aos interesses macroeconômicos do grande capital internacionalizado e de sua ofensiva que recai sobre as massas trabalhadoras da cidade e do campo.

A UNE "somos nós nossa força e nossa voz" era nossa palavra de ordem. A UNE posta na clandestinidade durante a ditadura era nossa organização nacional estudantil de luta autônoma e independente do governo. Radicalmente oposta à UNE dos anos 1990, que abdica de sua política de lutas imediatas e históricas subordinando-se à negociação na institucionalidade no governo neoliberal de FHC de desastre para o país. A partir do governo Lula, a UNE torna-se estadista, governista em que perde seu caráter de entidade livre, autônoma, independente e de lutas. Trata-se da "UNE burocrática das carteirinhas".

Chegamos à noite para o XXX Congresso da UNE, em 1968, que ocorreria em um sítio próximo à cidade de Ibiúna. Após várias horas de maratona, várias escalas, paradas, olhos vendados, pontos desmarcados, chegamos exaust@s ao

sítio. Tomamos um "sopão" para poder dormir encolhid@s naquele frio danado. No dia seguinte após a "filona do café", mal inicia-se a mesa de abertura fomos surpreendid@s pela repressão. Nós mulheres, ao passarmos por vistoria, éramos chamadas de "putas" pelos "gorilas" por termos pílulas anti-concepcionais conosco. Lutávamos contra a ditadura, o imperialismo, o capitalismo, pelo socialismo, direito à sexualidade, legalização do aborto, decisão sobre nossos corpos.

Lutas lá em 68 e da maior atualidade cá em 2008. Fomos para Ibiúna como se fôssemos para a revolução. Um montão de erros: primeiro a posição que venceu (ser em Ibiúna). A AP defendia ser na USP com sustentação de massa. Perdemos: fomos para Ibiúna após vários pontos e consignas. Há muito tempo sabemos que o nosso esquema de segurança era frágil, mas na época nem duvidávamos: juponas, bonés, bolsas tiracolos, ponchos, tênis gastos, uma revista na mão, óculos escuros, calças jeans desbotadas. De longe reconhecia-se um(a) militante estudantil de esquerda que sonhava e exercitava a luta pelo socialismo e os nossos "pontos" não eram nada seguros.

De fato não tínhamos ideia da força da ditadura, de seu poder, embora lutássemos contra ela. Os camburões ficavam a 14 km do sítio em que estávamos. Em filas: rapazes de um lado, garotas de outro escoltid@s pelos policiais fomos andando e assobiando "caminhando e cantando e seguindo a canção", música emblemática para nós da esquerda. Hino em nossas passadas seguido do corre-corre da polícia, dos cavalos, das bombas de efeito moral, do gás lacrimo-

gêneo que usados lá na ditadura também o são na democracia burguesa contra os sem terra, sem-teto, estudantes, população de rua, mulheres, negr@s e contra tod@s @s moviment@s sociais de luta, de autonomia e independência de classe e que continuamos correndo.

Nós militantes da PUC-SP no ano retrasado, na Av. Sumaré, durante uma manifestação, e ano passado no 8/3/2007, no Dia Internacional da Mulher e no Fora Bush, mais uma vez saímos correndo da polícia. Polícia essa que diariamente persegue e mata a população pobre, jovem, negra na violência do Estado que cada vez mais criminaliza os movimentos sociais.

Quando pres@s em 68, primeiro fomos tod@s @s estudantes para o presídio Tiradentes. Éramos cerca de quarenta jovens mulheres em cada cela, no total de cinco celas femininas, pois éramos em torno de 200 entre aproximadamente 800 rapazes. O frio era intenso, dormíamos em "valetê" para nos aquecer e nos sentirmos mais próximas umas das outras: a luta era uma só! O banheiro também era um só, ali mesmo, banho gelado! Estávamos incomunicáveis e não sabíamos nada de que se passava lá fora. Os carcereiros nos traziam comida fria em lata de cera. Era ruim... À noite ouvíamos berros que depois soube-mos que era para criar um clima de terror (as torturas não se deram naquele momento afinal eram mais de mil estudantes). As grandes chaves tilintavam entre as grades pelas mãos dos carcereiros. Tudo isso porém não nos afastava da confiança e justiça de nossa luta.

continua na próxima página

continuação da página anterior

Depois do AI 5 de 13/12/68, o terror se intensifica e ali era apenas o começo. Somente pudemos sair para tomar sol no pátio com as presas comuns quando fomos transferidas para o Carandiru, as estudantes de São Paulo. @s estudantes de outros estados foram enviad@s para as prisões de seus estados. O dia em que levaram um a um de nós para o DEOPS foi um dia de terror. Ficamos cada um(a) de nós sozin@s em uma pequena sala, horas a fio, aguardando para um depoimento. Ouvíamos berros ficávamos apavorad@s envolt@s nos nossos 19 anos. Sabíamos que falaríamos a mesma coisa: éramos estudantes eleit@s pelos estudantes para participar de um encontro que lutava pelos nossos direitos.

Tínhamos que resistir e não abrir nada sobre nossas organizações políticas. Estávamos na ditadura. A organização estudantil para o congresso se expressou por um processo de debate e discussão em cada sala de aula, em cada Faculdade, em cada grêmio estudantil, em cada assembleia que elegeu delegados para o Congresso para

representar @s estudantes. Uma organização massiva para um congresso clandestino. Eis aí uma contradição que não poderia ser diferente. Na Faculdade de Serviço Social durante três meses paramos o curso em que estudantes e professores debatiam qual a formação que queríamos e naquela época definíamos nosso compromisso com a realidade, com as lutas sociais. A todo momento colocávamos a consigna: abaixo a ditadura! Propúnhamos a paridade entre professores, funcionários e estudantes em todos os espaços de representação pela democracia universitária.

A grande maioria de nós presas em Ibiúna foi solta e enquadrada na Lei de Segurança Nacional que durante anos nos colocou em cerceamentos até o seu fim, resultante das lutas sociais. Ficaram presos os nossos representantes de direções nacionais que só saíram da prisão e do país na troca pela soltura do embaixador sequestrado posteriormente.

Na PUC-SP lutávamos contra a reforma universitária e pela autonomia e democracia universitária, assim como lutamos hoje contra o Redesenho e a intervenção da Fundação con-

sagrada no Novo Estatuto em 2008. Por isso, a realização do Congresso dos três setores em 2008 alun@s, professoreres(as) e funcionári@s na PUC-SP é fundamental para a nossa luta de resistência, organizando plano e pautas de lutas unificadas.

Lutamos na PUC-SP em 1977 contra a Invasão de Erasmo Dias e sua tropa de choques, assim como lutamos em 2007 contra a invasão da Tropa de Choque com a autorização da reitoria e da Fundação.

Lutávamos e lutamos contra o imperialismo e o capitalismo lá na ditadura e hoje na democracia burguesa contra a exploração e opressão social de classe, gênero, raça/etnia. O legado de 1968 e a continuidade na luta pela democratização do país têm em 1977 a retomada do movimento sindical classista com as grandes greves operárias, a Fundação da CUT autônoma e independente em 1983. É um período de grandes mobilizações e organizações sindicais. A APROPUC que foi fundada há 32 anos, em 25/09/76, é parte dessa trajetória de lutas, assim como o Andes (Sindicato Nacional), antiga ANDES Associação Nacional que hoje tem seu registro sindical cassado

e que lutamos para reavê-lo. A CUT, a partir dos anos 1990, abdica das lutas de massa, da ação direta subordinando-se à institucionalidade em sua posição majoritária social democrata. A partir do Governo Lula, a CUT torna-se governista rompendo com a autonomia e independência de classe, em um sindicalismo cooptado.

O anos de 1968 nos traz lições com nossos erros, mas também a convicção teórica, política e ideológica de um fio vermelho que nos moveu e nos move na luta pela igualdade e liberdade: pelo fim da sociedade de classes, da exploração do trabalho humano, do trabalho alienado, da opressão de qualquer ordem, da propriedade privada dos meios de produção, pela auto organização dos indivíduos sociais livres, a luta pelo socialismo a que Marx denominou comunismo, na possibilidade histórica de luta contra a barbárie na direção da emancipação humana. Lá e cá o fio vermelho nos move...

Bia Abramides foi presa em Ibiúna, e é professora da Graduação e Pós-Graduação do curso de Serviço Social da PUC-SP e diretora da APROPUC-SP

FALA COMUNIDADE

Sobre as vagas do vestibular no curso de Biologia

Vilma Palazetti de Almeida

No **PUCviva** nº 883 de 30/9/2013, em reportagem de capa, o curso de Biologia foi citado no segundo parágrafo, informando que não haverá abertura de turmas para o vestibular de 2014.

Esta informação está incorreta, pois o que se discutiu no Conselho Universitário de 25/9 foi a abertura da Licenciatura em Ciências Biológicas. Em nenhum momento a abertura do Bacharelado em Ciências Biológicas foi

questionada, sendo aprovada no CEPE para o vestibular de 2014.

Este erro tem nos prejudicado em muito, pois esta informação gerou um boato que o curso de Biologia irá fechar, o que pode refletir negativamente na procura para o vestibular do bacharelado em Ciências Biológicas na PUC-SP em 2014.

Solicito retratação do erro e que seja dado o devido destaque de primeira página.

Trabalhamos muito para a divulgação do nosso curso, através de feiras de profis-

sões, representando a PUC-SP em Comissões Estaduais, desenvolvendo pesquisas de interesse público para sermos massacrados em véspera de vestibular por companheiros de trabalho da própria

universidade. Aguardo providências urgentes.

Professora Dra. Vilma Palazetti de Almeida é coordenadora do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura e Bacharelado.

Nota da redação: Conforme pudemos explicar à professora, em nossa edição 883 publicamos a informação de que uma turma de Biologia seria fechada. Esta informação foi explicitada na página 2, quando detalhamos todos os cursos que não abririam vagas em 2014. Lá consta que no campus Sorocaba somente não abrirá vaga o curso de Ciências Biológicas (licenciatura noturno). Porém a professora entendeu que, da forma como a informação foi colocada, prejudicara o entendimento do leitor. Dessa maneira, publicamos nesta semana os argumentos da coordenadora.

MOVIMENTOS SOCIAIS

MTST ocupa terreno na zona sul de São Paulo

Cerca de 300 famílias ligadas ao MTST ocuparam no sábado, 12/10, um terreno na região do Campo Limpo, zona sul de São Paulo. A área está abandonada há muitos anos e pertence à Prefeitura da cidade.

No mês passado, famílias da região ocuparam o mesmo terreno, mas foram despejadas sem ordem judicial pela GCM poucos dias depois. Dessa vez, segundo os moradores, caso a Prefeitura volte a agir de forma arbitrária e sem respaldo legal, eles irão organizar a resistência da ocupação, que conta com famílias que moram de aluguel e não conseguem mais pagar os valores

cobrados pelo mercado. Além do controle do valor dos aluguéis, o MTST reivindica também o combate à especulação imobiliária.

MST

Enquanto avança a luta pela terra na capital, no interior não é diferente. Na quarta-feira, 16/10, o MST organizou um dia de atos em seis cidades de São Paulo. Na região de Ribeirão Preto, cerca de 100 famílias no Acampamento Irmã Dorothy, em Restinga, fizeram um ato sobre o dia Internacional da Alimentação.

Já no Pontal do Paranapanema, cerca de 150 famílias

ocuparam a fazenda São Domingos, no município de Sandovalina. A ação denunciou a paralisação da reforma agrária na região do Pontal - maior estoque de terras públicas do estado de São Paulo sob posse do latifúndio e do agronegócio. Em Iaras, foi a vez de 300 famílias ocuparem a Fazenda União, no município de Borebi. A área faz parte do Núcleo Colonial Monções, um conglomerado de 40 mil hectares de terras públicas da União também cedida a grandes empresários do mercado de terras. Além dessas manifestações houve protestos também nas cercanias de Piracicaba e Andradina.

**Encontro
Índigena divulga
nota pública**

O II Encontro Continental de Comunicação Índigena Abya Yala divulgou uma declaração endereçada aos governos e organismo multilaterais em função do desrespeito aos direitos indígenas, inclusive o direito à comunicação indígena, negado pela legislação de diversos países.

Com participação de tribos de toda a América Latina e apoio de países da América do Norte, Europa e Oceania, o encontro reuniu milhares de comunicadores entre os dias 7 e 12/10.

Entre as reivindicações encaminhadas durante o encontro estão também o reconhecimento da autonomia territorial, medicinal, educacional indígena, assim como o cumprimento da convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho e da Declaração da ONU sobre Povos Indígenas, que prevêem que as comunidades indígenas de todo o mundo têm poder de veto sobre empreendimentos desenvolvidos em seus territórios e devem ser consultadas antes que estes sejam aprovados.

Movimentos organizam ato em memória de sindicalista assassinada

"É melhor morrer na luta do que morrer de fome", disse Margarida Maria Alvez, anunciando sua morte um dia antes de ser assassinada, em 2/5/1983, na Paraíba. Primeira mulher a ocupar o cargo de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, durante 12 anos na presidência da entidade, Margarida lutou para que os trabalhadores do

campo tivessem seus direitos respeitados, como carteira de trabalho assinada, férias, 13º salário e jornada de trabalho de 8 horas diárias. Assim, a liderança sindical se transformou em símbolo de resistência e luta contra a violência no campo, pela reforma agrária e pelo fim da exploração dos trabalhadores rurais.

Em memória dos 30 anos

do assassinato de Margarida, no sábado, 19/10, movimentos sociais de São Paulo organizaram um ato cheio de atividades em um terreno ocupado no centro da capital, batizado com o nome da militante. Além do debate acerca da criminalização das organizações dos trabalhadores, houve música, sarau, teatro, comidas, bebidas e roda de capoeira.

Semana pela Paz no Congo é organizada em PE

O GEPE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ética) da UFPE está organizando a Semana pela Paz no Congo. Com início para o dia 20 e encerrando no dia 26/10, o evento tem como objetivo discutir a defesa

dos direitos humanos com recorte no país africano e na guerra que se desenvolve em seu território há anos.

Segundo o GEPE, o mundo está passando por conflitos e problemas ligados à disputa de um novo

mineral, encontrado em abundância no Congo e fundamental na produção de aparelhos de alta tecnologia. "Trata-se do minério chamado Coltan, mais valioso que o diamante e que já causou mais de 4 milhões de mortes

no Congo. Agora acharam o Coltan também na Amazônia", diz a nota pública divulgada pelo grupo, em que convoca todos os militantes sociais e defensores dos direitos humanos a olharem para essa causa.

ROLA NA RAMPA

Reitoria divulga calendário escolar para 2014

Naterça-feira, 15/10, a reitora nomeada Anna Maria Cintra divulgou o calendário escolar para o ano de 2014. Segundo as normatizações do Sinpro-SP, o calendário da PUC-SP respeitará as férias docentes do mês de janeiro com início das aulas previstas para o dia 3/2. A dúvida sobre esta agenda ficou por conta da realização da Copa do Mundo no Brasil, quando algumas escolas pretendem antecipar o início das aulas, para que elas terminem antes de 12/6, período em que se iniciam os jogos. Porém, o calendário da PUC-SP prevê uma série de recessos durante o mês de junho por conta dos jogos do Brasil, e entre os dias 17 e 23/6 não haverá expediente por conta de emendas entre dias de jogos e feriados.

No final do ano, porém, os funcionários tiveram uma ingrata surpresa quando constataram que o tradicional recesso de fim de ano terá uma duração mais curta, estendendo-se apenas entre os dias 24 e 28/12, tendo os funcionários que retornar para trabalhar somente dois dias (29 e 30/12) e folgar somente no dia 31/12. O recesso administrativo prolongado vem sendo concedido aos funcionários e professores há anos, tendo em vista a baixa atividade na universidade, redução de problemas de segurança nos diversos campi e economia com a manutenção de serviços essenciais à universidade. Os professores, por sua vez, não deverão ser afetados e terão férias a partir do dia 18/12.

Professor critica devoção às técnicas multimídias no Jornalismo

O professor Marcos Cripa, do Departamento de Jornalismo da PUC-SP, participou no dia 7 deste mês, em São Paulo, do 2º mídia.JOR, seminário internacional que reuniu 32 profissionais ligados à carreira. No debate entre Rosana Jatobá e Rita Lisauskas (ex-aluna do curso de Jornalismo da PUC-SP), Cripa foi enfático ao dizer que Jornalismo se faz com o cérebro e não com tecnologia. "A tecnologia deve estar a

serviço do jornalista e não o contrário", afirmou. O professor disse ainda que, quando se analisa os avanços e necessidades do mercado de trabalho jornalístico, fala-se muito na exigência de um profissional multimídia, mas debate-se muito pouco a produção do Jornalismo propriamente dito. "Neste aspecto, a produção jornalística fica em segundo plano, na visão do mercado", enfatizou o professor.

Videoteca debate animação no cinema

Comemorando seus 25 anos, a Videoteca da PUC-SP promoveu no dia 16/10 uma atividade com o professor Eliseu de Souza Lopes, cineasta e especialista em animação, além de coordenador do Núcleo de Cinema da FAAP. Souza Lopes debateu com os presentes a

animação "História antes de uma história", produzido pelo Núcleo de Cinema de Campina, que é reponsável por cerca de 40% da produção de animação do Brasil. O longa-metragem foi exibido em diversas mostras de cinema infantis pelo Brasil.

Frei Betto participa de debate na PUC-SP

No dia 23/10, às 18h30, o escritor e religioso dominicano Frei Betto participará de atividade na PUC-SP com o tema "Cristianismo social: os dominicanos na luta contra a ditadura". A atividade, organizada pelo Departamento de Filosofia e a Comissão da Verdade da PUC-SP, ocorrerá durante a realização do

Colóquio de Ética e Filosofia Política, organizado pelo Grupo de Trabalho de Ética e Filosofia Política da PUC-SP, e também contará com as conferências de Chiara Piazzesi (Université du Québec à Montréal), Zilda Iokoi (FFLCH-USP) e Martin Breaugh (Universidade de York em Toronto). O debate acontecerá no auditório 333.

Museu da Cultura traz exposição sobre lutas indígenas

Até o dia 25/10, no Museu da Cultura, ocorrerá a exposição "As lutas indígenas: de Porto Seguro aos Acampamentos Terra Livre". O evento dá continuidade à Retomada Indígena

VI, que ocorreu na última semana na universidade. O Museu funciona entre 14h e 19h. Para outras informações, ligue para 3670-8559 ou acesse www.pucsp.br/museudacultura.

Mais uma vez Internet tem problemas na PUC-SP

Na semana passada mais uma vez o sistema de internet não funcionou no campus Monte Alegre. Apesar das promessas de melhorias no sistema as quedas de sinal continuam a acontecer, provocando inúmeras reclamações de alunos e professores.

Coletivo Yabá promove Marcha das Vadias na PUC-SP



ANNA COELHO

O Coletivo Feminista Yabá, formado por mulheres que cursam Direito na PUC-SP, promoveu, na noite de quinta-feira, 17/10, uma Marcha das Vadias dentro da universidade. O protesto acontece anualmente em diversas cidades do mundo, e prega a liberdade das mulheres para se vestirem e levarem sua vida sexual como

bem entenderem, além de mais segurança e respeito. Este ano, pela primeira vez, aconteceu dentro da PUC-SP, após a festa Cabaret, promovida pelo CA 22 de Agosto, onde as mulheres vão vestidas de prostitutas e os homens de cafetão, alegando ser o momento de libertação das mulheres.